

Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Ana Isabel Correia Teixeira

Perceções de profissionais e de jovens em situação de vulnerabilidade social sobre a transição para a vida pós-escolar



Viseu, setembro de 2020

Ana Isabel Correia Teixeira

Perceções de profissionais e de jovens em situação de vulnerabilidade social sobre a transição para a vida pós-escolar

Tese de Mestrado

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)

Professora Doutora Susana Fonseca
Professora Doutora Paula Xavier



Viseu, setembro de 2020

Agradecimentos

Ao longo de quase dois anos foi com algumas pessoas que aprendi e cresci e, por isso, não poderia deixar de agradecer, a todos os docentes do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, da Escola Superior de Educação de Viseu. Com especial ênfase à Professora Doutora Susana Fonseca e à Professora Doutora Paula Xavier que ao longo deste percurso sempre foram presentes, disponíveis e incansáveis em tudo o que precisei, e acreditem que não foi pouco.

Agradecer também ao Centro Social onde realizei o estudo, especialmente ao Diretor e à Coordenadora Pedagógica que tornaram tudo mais fácil e mais aconchegante.

Aos meus pais, ao meu irmão, ao meu avô e restante família pela presença e apoio.

Ao João pela dedicação e paciência.

À minha avó, a maior estrela da minha vida, que recentemente me deixou, mas com os melhores valores do mundo, a persistência e educação inabaláveis, espero que estejas orgulhosa, é por ti também.

Termino esta etapa de coração cheio.

Espero o futuro com um sorriso no rosto...

Obrigada a todos!

Resumo

Nas últimas décadas temos vindo a assistir ao aumento do desemprego, causado pelas transformações no mercado de trabalho e pelas novas formas de organização das empresas. Os jovens têm sido os mais afetados, nomeadamente nos processos de transição para o mercado de trabalho, o que se tem traduzido numa tendência generalizada para o aumento da taxa de desemprego e da precariedade nas relações de trabalho (Botelho, 2016). Neste sentido, esta dissertação, pretende explorar o conceito de transição para a vida pós-escolar e caracterizar o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte, identificar quais os tipos de formação mais procuradas pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte, identificar as perceções de técnicos e jovens sobre as oportunidades que se encontram disponíveis para os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar e identificar as perceções de técnicos e jovens sobre as principais dificuldades experienciadas por jovens em idade de transição para a vida pós-escolar.

Para Botelho (2016) as condições na transição para o mercado de trabalho no caso dos jovens revelam-se incertas e não lineares e são também marcadas pela precariedade e flexibilização do emprego e acabam assim por limitar os projetos de vida dos jovens. À semelhança do que encontramos através da análise de conteúdo das entrevistas é notório que os jovens sentem dificuldades díspares uns dos outros.

Palavras-chave: Jovens, Transição para a vida pós-escolar, Perceções de jovens e profissionais.

Abstract

In the last few decades, we have started seeing an increase in unemployment, caused by changes in the labor market and new forms of business organization. Young people have been the most affected, especially in the transition to the labor market, which translates into a generalized trend towards an increase in the unemployment rate and precarious employment relationships (Botelho, 2016). Therefore, this dissertation intends to explore the concept of transition to post-school life and to characterize the profile of young people of transition age to post-school life who attend a Social Center in the northern region, to identify which types of training are the most sought by young people in transition to post-school life who attend a Social Center in the northern region, to identify the perceptions of technicians and young people about the opportunities that are available for young people of transition age to post-school life and to identify the perceptions of technicians and young people about the main difficulties experienced by young people of transition age to post-school life.

For Botelho (2016), the conditions of transitioning to the labor market in the case of young people are revealed uncertain and non-linear and are also marked by the precariousness and flexibilization of employment that end up limiting the projects in a younger's life. Related to what we find through the content analysis of the interviews it's notorious that young people suffer different difficulties from one another.

Keywords: Youth, Transition to post-school life, Perceptions of youth and professionals

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. PARTE I - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E TEÓRICO	3
1. Conceito de Jovem e as suas tarefas de desenvolvimento	3
2. Conceito de Vulnerabilidade	4
3. Conceito de Risco	5
4. Vulnerabilidade e Risco: relação entre ambos os conceitos	6
5. Transição para a vida pós-escolar	7
6. Transição para a vida pós-escolar em crianças e jovens em risco ...	9
PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO	11
1. Contextualização e justificação do estudo	11
2. Objetivos do Estudo	12
3. Contexto	12
4. Metodologia	14
4.1. Participantes	14
4.2. Instrumento de recolha de dados	14
4.3. Procedimentos	15
5. Apresentação dos resultados	16
5.1. Análise de Conteúdo das entrevistas	18
6. Discussão dos resultados	22
CONCLUSÃO	24
ANEXOS	29
Anexo A – Pedido de Autorização à instituição	30
Anexo B- Guião de entrevista semiestruturada – técnicos/formadores	31
Anexo C - Guião de entrevista semiestruturada - jovens	34
Anexo D – Consentimento Informado à participação	37

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela1. Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas aos jovens.....	20
Tabela2. Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas aos técnicos/formadores	21

INTRODUÇÃO

Tal como afirmam Papalia, Olds e Feldman (2001) a escola é uma experiência organizadora central, na maior parte da vida dos adolescentes, pois esta oferece oportunidades para aprender informação, aperfeiçoar novas competências e aprimorar antigas, participar em desportos, artes, explorar escolhas vocacionais e estar com amigos, alarga segundo os autores horizontes intelectuais e sociais.

A adolescência, período de transição da infância para a idade adulta, não tem início e fim claramente marcados, nas sociedades ocidentais este período pode durar aproximadamente uma década, entre os 11 e 12 anos até aproximadamente os 20 anos (Papalia et al., 2001).

Segundo Botelho (2016) os estudos sobre a problemática de transição dos jovens, após a formação escolar, evidenciam que o processo tem sofrido alterações profundas, o que leva a que surjam questões acerca dos fatores que influenciam o processo de transição para o mercado de trabalho.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo específico conhecer as percepções de técnicos e jovens em situação de vulnerabilidade social sobre as oportunidades dadas aos jovens no processo de transição para a vida pós-escolar

Procura-se caracterizar o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social na região norte, identificar quais os tipos de formação mais procuradas pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro Social, identificar as percepções de técnicos e jovens sobre as oportunidades que se encontram disponíveis para os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar e identificar também as percepções de técnicos e jovens sobre as principais dificuldades experienciadas por jovens em idade de transição para a vida pós-escolar.

Esta dissertação encontra-se dividida em duas partes, a primeira apresenta um enquadramento teórico da temática, onde se procura fundamentar o estudo, esclarecendo assim os conceitos de crianças e jovens em risco, o que pode ser ou não uma situação de vulnerabilidade e abordando também aquilo que é a transição para a vida pós-escolar de e jovens em risco.

Na segunda parte apresenta-se o estudo empírico, onde está explícita a metodologia do estudo, com modelo de análise de conteúdo, a metodologia, assim como o público alvo e a análise dos resultados obtidos.

O objetivo principal é conhecer as percepções de técnicos e jovens em situação de vulnerabilidade social sobre as oportunidades dadas aos jovens no processo de transição para a vida pós-escolar. Na parte apresentada de seguida faz-se a contextualização de toda a temática.

I. PARTE I - ENQUADRAMENTO CONCEITUAL E TEÓRICO

1. Conceito de Jovem e as suas tarefas de desenvolvimento

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2001) a construção da identidade acontece durante os anos da adolescência. As autoras analisam a perspetiva de Erikson sobre a formação da identidade, onde o conceito do autor sobre a crise de identidade se baseou na sua própria vida e na sua investigação com adolescentes de diferentes sociedades. Para Erikson (cit. por Papalia et al., 2001) a principal tarefa da adolescência é o confronto com a crise da identidade versus confusão de identidade, ou confusão de papéis, de modo a tornar-se um adulto único, com um sentido coerente de si mesmo e um papel valorizado na sociedade.

As autoras Papalia et al. (2001) afirmam que durante a adolescência raramente a crise de identidade é resolvida por completo, pois questões ligadas à identidade podem surgir repetidas vezes ao longo da vida adulta.

Erikson (cit. por Papalia et al., 2001) analisa um primeiro período desta fase como confusão da identidade (ou de papéis), que pode adiar de forma significativa o atingir da idade psicológica adulta, mesmo até depois dos 30 anos.

Papalia et al. (2001,) afirmam que a identidade se forma quando os jovens resolvem três questões essenciais, a escolha de uma profissão, a adoção de valores próprios e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. Para as autoras quando o adolescente tem problemas em conseguir uma identidade profissional ou quando estas mesmas oportunidades são limitadas, como pode acontecer segundo as mesmas em algumas minorias, os adolescentes estão em risco de comportamentos com graves consequências negativas.

Hendry e Kloep (2002. Cit. por Mota & Rocha. 2012) afirmam que o desenvolvimento sublinha a necessidade de um processo de reestruturação interna a que o sujeito está submetido ao longo de todo o ciclo de crescimento pessoal, mas que na adolescência se torna mais presente pela imposição de conflitos identitários, nomeadamente a individuação face à família, implicando a autonomia em paralelo com a identificação com o grupo de pares e posteriormente a integração da perspetiva do outro no self pessoal e sobretudo através das relações com o par amoroso. Para Mota e Rocha (2012) ao abordar a temática do crescimento pessoal dos jovens torna-se necessário compreender a importância que o percurso emocional vivenciado tem para o crescimento dos adolescentes e futuros adultos.

2. Conceito de Vulnerabilidade

Carmo e Guizardi (2018) afirma que conceitos sobre vulnerabilidade surgem na área da saúde de maneira a reordenar as práticas de prevenção e promoção para um destaque mais contextualizado e atento ao aspecto social, os autores afirmam ainda que de maneira semelhante, na assistência, o conceito de vulnerabilidade é adjetivado pelo termo social que indica evolução do entendimento sobre as privações e desigualdades proporcionadas pela pobreza.

Para Carmo e Guizardi (2018) apesar do conceito de vulnerabilidade ser impreciso, amplia a compreensão dos múltiplos fatores que fragilizam os sujeitos no exercício da sua cidadania. Carmo e Guizardi (2018) referem ainda que as ações profissionais no âmbito das políticas de saúde e assistência social são forjadas pela incorporação de conceitos que podem tanto reduzir quanto reforçar vulnerabilidades.

Carmo e Guizardi (2018) afirmam que a concepção de vulnerabilidade denota a multi determinação da sua gênese e não está apenas direcionada à ausência ou precaridade, mas também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade no acesso a bens e serviços públicos.

Segundo Carmo e Guizardi (2018) o ser humano vulnerável é aquele que, conforme o conceito partilhado pelas áreas da saúde e assistência social, não sofre necessariamente danos, mas está mais suscetível a eles, uma vez que possui desvantagens para a mobilidade social e não alcança patamares mais elevados na qualidade de vida em sociedade em função da sua cidadania fragilizada. Carmo e Guizardi (2018) afirmam ainda que, ao mesmo tempo, o ser humano vulnerável pode possuir ou ser apoiado para criar as capacidades necessárias para a mudança na sua condição. Para os autores esta afirmação enaltece a ideia de que a vulnerabilidade não é apenas uma condição natural que não permite contestações, isto porque referem que o estado de vulnerabilidade associa situações e contextos individuais e sobretudo, coletivos.

Carmo e Guizardi (2018) afirmam que nos estudos da área social, ficou evidente que a pobreza não explica vulnerabilidade, mas é o fenómeno que proporcionou o seu apuramento concetual.

3. Conceito de Risco

Lourenço (2010) diz-nos que a noção de risco e a definição de crianças em risco é extremamente complexa. Segundo a autora é um fenómeno que tem de ser considerado de diferentes perspetivas, desde a perspetiva médica, psicológica, educativa, do serviço social e do direito. Para a mesma autora a diversidade de critérios de definição do que é ou não é “risco”, cria um dilema tanto para os investigadores como para os profissionais responsáveis pela identificação, avaliação e acompanhamento dos casos.

No entanto para Lourenço (2010) há um objetivo comum que une todas estas disciplinas – a proteção da criança que justifica a construção de uma definição de risco mais ampla, que seja capaz de abranger todas as sensibilidades.

Na perspetiva legal, a Lei de Proteção de Crianças e Jovens, Lei nº147/99 de 1 de setembro “uma criança ou jovem em risco é aquela cujo bem-estar está comprometido ou ameaçado pondo em causa o seu desenvolvimento integral”.

Lourenço (2010) afirma ainda que os profissionais que prestam serviços as crianças e jovens têm uma importância estratégica na identificação e intervenção nas situações de risco, em geral junto das crianças e através delas das famílias.

De acordo com Fonseca (1994, cit. por Lourenço 2010, p. 45) “quando se diz que uma criança ou jovem estão em risco, tem-se implícita uma dimensão temporal e, mais concretamente, a ideia de futuro”.

Lourenço (2010) realça que estamos a falar de um contínuo, onde o conceito de risco faz parte da mesma dimensão, esta desenvolvimental. É por isso que dizer que todos estamos mais ou menos em risco se torna aceitável e compreensível.

Segundo Lourenço (2010) são várias as tipologias de situação de risco, a que poderá estar mais direcionada ao presente estudo é o Abandono Escolar, que está relacionada com o abandono do ensino básico obrigatório por jovens em idade escolar.

A “vulnerabilidade refere-se a uma predisposição individual para apresentar resultados negativos no desenvolvimento” (Masten & Garmezy, 1985, cit. por Cecconello, 2003, p. 22), sendo que esta diz respeito a uma tendência para desenvolver uma fragilidade relacionada com o stress.

A probabilidade de uma consequência negativa advir na presença de um fator de risco conduz a um aumento da vulnerabilidade (Cowan et al., 1996, cit. por Cecconello, 2003).

4. Vulnerabilidade e Risco: relação entre ambos os conceitos

Tanto a vulnerabilidade como o risco estão associadas a resultados que não desejados ou são negativos. O risco pode ser reconhecido quer ao nível ambiental quer a nível individual, enquanto que a vulnerabilidade se encontra ligada à característica individual, que pode ser adquirida ou inata. Neste seguimento, pode considerar-se que só através da “interação com os eventos de vida é que podem ser observadas, tanto as influências do risco, como as manifestações da vulnerabilidade” (Cowan et al., 1996, cit. por Cecconello, 2003, p.22).

Embora se possa verificar algumas parecenças entre o conceito de risco e o conceito de vulnerabilidade, há um aspeto que os distingue, sendo que, no caso do risco este diz respeito a uma probabilidade estática que se verifica em populações ou grupos, enquanto que a vulnerabilidade corresponde especificamente à pessoa e às suas tendências relacionadas a respostas ou consequências negativas (Rutter, 1985, 1987, 1993, 1996; Werner & Smith, 1992; Zimmerman & Arunkumar, 1994, cit. por Cecconello, 2003).

Segundo os investigadores Masten e Garmezy, os processos de vulnerabilidade e resiliência encontram-se diretamente relacionados com o entendimento da noção de risco (Masten & Garmezy, 1985, cit. por Cecconello, 2003).

O risco tem a capacidade de colocar populações e pessoas sujeitas a resultados negativos particulares. Um resultado indesejado ou negativo encontra-se ligado a uma manifestação de uma determinada doença ou um tipo desadaptado de comportamento, a intensidade dos sintomas, a sua frequência e duração e ainda a sua severidade (Cowan e Cols, 1996, cit. por Cecconello, 2003). Neste seguimento, só através dos resultados gerados no indivíduo se pode assegurar se o fator de risco teve ou não consequência sobre este.

Os fatores de risco encontram-se presentes nas características individuais, sendo essas, as características psicológicas, as habilidades sociais e intelectuais, o sexo e os fatores genéticos, e nas características ambientais, que dizem respeito à ausência de apoio social, reduzido nível socioeconómico, características familiares e ainda eventos de vida causadores de stress (Masten & Garmezy, 1985, cit. por Cecconello, 2003).

5. Transição para a vida pós-escolar

Segundo Papalia et al. (2001) o planeamento vocacional está intimamente ligado à construção de identidade do adolescente/jovem, já que as questões “o que devo fazer” e “o que deverei ser?” estão muito próximas. As mesmas autoras referem ainda que as pessoas que sentem que estão a fazer alguma coisa que valha a pena e a fazem bem, sentem-se bem consigo próprias, ao contrário daquelas que sentem que o seu trabalho não interessa, ou que não são boas naquilo que fazem, podendo vir a questionar-se sobre o sentido das suas vidas.

Papalia et al. (2001) afirmam ainda que as escolhas vocacionais após a conclusão do ensino secundário decorrem do desenvolvimento cognitivo dos anos anteriores, representando oportunidades para um crescimento cognitivo adicional.

As autoras afirmam ainda que para os jovens em transição da adolescência para a vida adulta, a exposição a um novo ambiente educacional ou profissional, oferece uma oportunidade de aperfeiçoar habilidades, questionar pressupostos antigos e de experimentar novas formas de observar o mundo Papalia et al. (2001).

Segundo Santos et al. (2019), o conceito de Transição para a Vida Adulta, também frequentemente designada por transição para a vida pós-escolar, embora possa ser formulado de diversas maneiras, transporta em si as ideias básicas de processo, transferência e mudança.

Para Santos et al. (2019) são várias as transições que um indivíduo tem de enfrentar ao longo da sua vida, que vão requerendo competências adaptativas, frequentemente exigentes e complexas. Nesse sentido, o período de transição para a vida pós-escolar afigura-se determinante para a construção de uma vida autónoma, necessária a todo o ser humano e que se realiza através de atividades laborais, familiares, sociais e comunitárias.

Para Mota e Rocha (2012) a transição da adolescência para a vida adulta tem vindo a ganhar relevância como objeto de estudo por parte da comunidade científica, as autoras referem que o papel da adolescência como antecedente de desenvolvimento à entrada na vida adulta está mais claro e reflete a transição para a independência e a consolidação da autonomia. Mota e Rocha (2012) referem que uma das abordagens mais frequentes a adultos emergentes diz respeito a integração no mundo do trabalho e a constituição da própria família, as autoras referem que anteriormente, na década de setenta os jovens eram capazes de atingir estabilidade económica que lhes permitia a criação do seu próprio núcleo familiar e eram considerados adultos apenas com estes dois marcos de vida. Mota e Rocha afirmam que desde então as mudanças a nível económico e cultural vieram trazer uma entrada na vida adulta mais repensada, na perspetiva de compreender as vivências dos jovens adultos em torno das necessidades pessoais que são

diversas e incluem uma entrada tardia no mercado de trabalho e a consequente permanência na família nuclear, trata-se não só de investimento a nível académico, como também da realização profissional e da constituição a nível familiar.

Segundo Andrade (2010) um dos aspetos que mais tem sido destacado na literatura sobre as configurações de transição para a vida adulta está ligado aos investimentos prolongados dos jovens na formação escolar, estando estes investimentos ligados ao desenvolvimento do mercado de trabalho, a autora afirma também que de forma geral se pode constatar que através de indicadores sociológicos a melhoria generalizada das condições de vida e a modificação progressiva dos padrões culturais do país associados à integração na União Europeia traduziram-se na implementação dos níveis de formação escolar e na ampliação das expectativas de realização profissional que lhe estão associadas.

Segundo Arnett, 2001; Arnett & Tanner, 2006; Rossi, 1997 (cit. por Andrade 2010) a estrada para a vida adulta é cada vez mais longa e a tarefa de “ser adulto” do ponto de vista psicológico e social aparece como sendo mais exigente na atualidade, passando muitas vezes por ser adiada em termos temporais e ser completada mais tarde em termos etários. Para Andrade (2010) é assim que as chamadas mudanças “normativas” para adquirir o estatuto adulto nas quais estão inseridas o desempenho do papel profissional e familiar perdem progressivamente o caráter normativo, na medida em que o seu adiamento surge cada vez com mais frequência. Andrade afirma ainda que entre o final da adolescência e o início da vida adulta são exploradas diversas possibilidades, tanto a nível afetivo, como a nível profissional e apenas gradualmente se vão transformar em opções.

Arnett (2001 cit. por Andrade 2010) diz-nos que a liberdade de exploração e de escolha faz com que esta etapa se caracterize por alguns paradoxos, por um lado é uma etapa de vida constituída por sonhos e desejos em relação à idade adulta, por outro lado é também um tempo de incerteza e ansiedade, sendo ao mesmo tempo uma altura de novas liberdades e também de novos receios.

6. Transição para a vida pós-escolar em crianças e jovens em risco

Segundo Pais (2003, cit. por Gonçalves, 2011) as classes sociais de pertença são um forte fator na determinação dos percursos escolares e consequentemente das trajetórias profissionais, e até da forma como lidam com o desemprego. Obviamente que todos os jovens vivem os mesmos problemas no processo de transição para a vida adulta, mas vivem-nos de forma diferente.

Para Pais (2001, cit. por Gonçalves, 2011) a diferença entre os jovens com menos qualificações e de classe social baixa e os jovens com boas qualificações e de classe social alta, é que os primeiros acabam por ser obrigados a aceitar a primeira oportunidade de trabalho que surge, resolvendo o problema do desemprego através do subemprego. Enquanto os segundos, preferem, porque podem esperar até arranjar um emprego que desejem, representando o desemprego apenas um compasso de espera.

Gonçalves (2011) afirma que o progressivo aumento dos fenómenos de exclusão social, relacionado, em grande parte, com o aumento do desemprego, levou os poderes públicos a tomarem medidas e a criarem institutos especializados para melhor estudar e combater este problema, uma vez que os efeitos desestruturantes do desemprego são inquietantes tanto para os indivíduos como para a integridade do corpo social.

Centeno et al. (2000, cit. por Gonçalves, 2011) afirmam que desta forma as políticas sociais têm como objetivo erradicar potenciais desvantagens em algumas categorias da população, provenientes do desenvolvimento socioeconómico do país.

Segundo Clavel (2004, cit. por Gonçalves, 2011) desenvolveram-se medidas para estágios, formação profissional, iniciativas de criação de novos espaços económicos, especialização na inserção social e profissional das populações com dificuldades, ainda que propondo estatutos marcados pela precariedade; atividades de interesse geral, iniciadas por associações, coletividades e estabelecimentos públicos.

Gonçalves (2011) refere que segundo o decreto-lei nº4/98 a formação técnico-profissional é uma modalidade especial de ensino, como alternativa ao ensino secundário regular. Este tipo de ensino tem uma maior liberdade de iniciativa e de gestão que o ensino regular, uma maior inserção regional e local e uma organização curricular mais profissionalizante (Pardal et. al, 2003 cit. por Gonçalves 2011).

Segundo a Ferreira e Pereira (2015) podemos categorizar as etapas do processo de transição como, despiste vocacional, negociação de estágio e outros apoios, procura de locais de estágio e elaboração do plano de transição. No despiste vocacional os elementos centrais

passam por informar o aluno e levá-lo a conhecer várias áreas para que este possa fazer as suas próprias opções. A negociação de estágio e outros apoios inicia-se com a escolha por parte do aluno do local de estágio e posto isto avaliam-se fatores externos, tais como, a disponibilidade da empresa.

PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO

No presente ponto faz-se a apresentação do estudo empírico, assim como o seu enquadramento e respetivos objetivos da investigação. Descreve-se a metodologia, particularmente o instrumento de recolha de dados e a seleção da amostra, assim como a descrição e análise de resultados. Por último, faz-se a discussão e reflexão dos principais resultados.

1. Contextualização e justificação do estudo

O problema/ questão que se definiu neste trabalho foi: quais as perceções de profissionais e jovens em situação de vulnerabilidade social em relação às oportunidades e desafios no momento da transição para a vida pós-escolar?

Botelho (2016) refere que nas últimas décadas temos vindo a assistir um aumento do desemprego, causado essencialmente pelas transformações no mercado de trabalho e pelas novas formas de organização de empresas.

Para Botelho (2016) os jovens têm sido os mais afetados por este fenómeno, nomeadamente aqueles que estão em processo de transição para o mercado de trabalho, traduzindo assim uma maior tendência no aumento da taxa de desemprego e de precariedade nas relações de trabalho.

As dificuldades na transição para o mercado de trabalho, revelam-se para Botelho (2016) incertas e não lineares, e acabam por ser marcadas pela precariedade e flexibilização do emprego, limitando consequentemente os projetos de vida dos jovens, nomeadamente a saída de casa dos pais, o casamento e a constituição de família.

Estudos sobre a problemática da transição dos jovens após formação escolar, segundo Botelho (2016) evidenciam que este processo tem sofrido alterações profundas o que leva a questionar sobre os fatores que influenciam o processo de transição para o mercado de trabalho.

2. Objetivos do Estudo

Tendo em conta a revisão da literatura sobre este domínio de investigação e sendo este um estudo de natureza qualitativa foi definido como objetivo principal, conhecer as perceções de técnicos e jovens em situação de vulnerabilidade social sobre as oportunidades dadas aos jovens no processo de transição para a vida pós-escolar.

Para Flick (2009) as ideias que orientam a pesquisa qualitativa diferem das que orientam a pesquisa quantitativa. Os principais aspetos da pesquisa qualitativa passam pelos métodos e teorias apropriadas, as perspetivas dos participantes e a sua diversidade, a reflexividade do pesquisador e da pesquisa e a variedade de abordagens e de métodos.

Com este estudo pretende-se:

- Caracterizar o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte;
- Identificar quais os tipos de formação mais procuradas pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte
- Identificar as perceções de técnicos e jovens sobre as oportunidades que se encontram disponíveis para os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar;
- Identificar as perceções de técnicos e jovens sobre as principais dificuldades experienciadas por jovens em idade de transição para a vida pós-escolar.

3. Contexto

O contexto onde foi implementado estudo, um Centro Social da região Norte, caracteriza-se por ter como objetivo central, a ação social, sendo que os objetivos específicos dependem da resposta social em questão, conforme o público-alvo a que se destina e os estatutos da instituição. Esta instituição pretende assim contribuir para a promoção da população através do propósito de dar expressão à solidariedade e justiça social entre os indivíduos. O seu âmbito de atuação abrange um concelho da zona Litoral Norte.

A resposta oferecida pelo Centro Social da região norte onde foi implementado o estudo enquadra-se numa área relativa à formação.

O Centro da região norte é uma entidade formadora creditada pela Direção Geral do Emprego e das Relações do Trabalho, que visa promover a integração de diferentes públicos-alvo nas várias áreas de formação, com objetivos distintos:

- Elevar a qualificação dos jovens, promovendo a sua empregabilidade e a adequação das suas qualificações às necessidades do desenvolvimento sustentado, aumentando a competitividade e coesão social da economia portuguesa;
- Promover a integração das pessoas com deficiência ou incapacidade, sensibilizar e corresponsabilizar a sociedade e o estado na resolução dos problemas desta população;
- Combater a pobreza e exclusão social privilegiando-se o desenvolvimento de respostas integradas no domínio da formação e emprego que permitam uma estreita articulação entre o conteúdo das ações propostas e as especificidades dos públicos visados, em particular os desempregados de longa duração e os imigrantes, bem como os reclusos, ex-reclusos, jovens sujeitos a medidas tutelares educativas e cidadãos sujeitos a medidas tutelares executadas na comunidade.

Segundo o Instituto de Emprego e Formação Profissional (2019), os cursos de aprendizagem permitem obter uma certificação escolar e profissional, privilegiando a inserção no mercado de trabalho e o prosseguimento de estudos a nível superior.

De acordo com dados recolhidos junto do Centro Social da região norte, esta tipologia de intervenção visa apoiar a formação inserida no sistema de aprendizagem dirigida à qualificação de jovens, por forma a facilitar a sua integração na vida ativa, correspondendo a uma modalidade de formação que valoriza a prática real em posto de trabalho na empresa como contexto para a aquisição de saberes científicos e tecnológicos e para o reforço das suas competências académicas, pessoais, sociais e relacionais, preparando os jovens para o mercado de trabalho.

Além disso, tem uma duração de aproximadamente três anos (regime laboral – 7 horas diárias), sendo que cerca de 40% da formação decorre em contexto de trabalho numa empresa. Essa formação pode ser desenvolvida nas áreas de hotelaria, restauração, cuidados de beleza e técnico auxiliar de saúde e permite obter uma dupla certificação, profissional e escolar, de nível secundário (nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações) possibilitando a progressão nos estudos.

Os tipos de formação mais procurados passam por técnico auxiliar de saúde, cuidados de beleza, hotelaria e restauração. Estes cursos são atribuídos ao Centro mediante apresentação de candidaturas e estudos de necessidade geográfica.

4. Metodologia

4.1. Participantes

Os participantes são 10 jovens em situação de vulnerabilidade social e 4 técnicos/formadores do Centro Social da região norte

Os técnicos entrevistados têm idades entre os 35 e 42 anos, sendo que três são do sexo feminino e um do sexo masculino. As suas habilitações literárias compreendem Licenciaturas em Psicologia, Serviço Social e em Gestão Financeira. Têm entre 8 a 18 anos de experiência em formação profissional.

Os jovens entrevistados têm idades entre os 17 e os 19 anos. Sete do sexo masculino e três do sexo feminino. Têm uma média de idades de 17,9 anos. Todos têm o 9.º ano como habilitações literárias e frequentam o Curso de Técnico de Auxiliar de Saúde.

4.2. Instrumento de recolha de dados

Segundo os objetivos definidos para o presente estudo, procedeu-se à elaboração de dois guiões de entrevista semiestruturada, um direcionado para os técnicos/formadores do Centro e o outro para os jovens em situação de vulnerabilidade social (Anexos B e C respetivamente). Cada guião é composto por seis partes. Inicialmente é feita uma apresentação do estudo e entrevista e solicitado o consentimento para a participação. Seguem-se questões destinadas à recolha de dados sociodemográficos. As questões compreendem tópicos em torno do perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar, da caracterização da formação, onde são identificadas quais as principais escolhas dos jovens. Segue-se a recolha de perspetivas sobre as principais oportunidades e principais dificuldades associadas ao processo de transição para a vida pós-escolar.

Na última parte é feito um agradecimento à participação e garantidos os aspetos de confidencialidade.

Embora os guiões estejam divididos em partes iguais e abordem as mesmas temáticas foram elaborados guiões distintos, um para os técnicos/formadores do Centro X (Anexo B) e outro para os jovens em situação de vulnerabilidade social que frequentam o Centro X (Anexo

C). Foi também elaborado e entregue/assinado um consentimento informado à participação (Anexo D).

Justificando a seleção do instrumento, de acordo com Aguiar e Medeiros (2009) as entrevistas são de entre os métodos de pesquisa social uma das formas que permite uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado, para além de permitirem a formulação de perguntas com o objetivo de recolher informações que ajudem a resolver o problema de pesquisa num determinado estudo. Segundo May (2004, cit. por Medeiros & Aguiar 2009), de acordo com o tipo de questões e formato da recolha, podemos denominar as entrevistas de estruturadas, semiestruturadas e em grupo ou focais.

As entrevistas deste estudo foram realizadas com base num guião semiestruturado. Ainda de acordo com May (2004, cit. por Medeiros & Aguiar 2009) este tipo de entrevistas tem como principal característica o seu carácter aberto. Apesar do entrevistado responder às perguntas de acordo com um guião previamente estipulado não se trata de deixá-lo falar livremente, o pesquisador não deve perder o seu foco.

Gil (1999, cit. por Medeiros & Aguiar, 2009) refere ainda que neste tipo de entrevistas, o entrevistador permite que o entrevistado fale livremente sobre o assunto, mas quando este se desvia do tema original, esforça-se para que o mesmo seja retomado.

4.3. Procedimentos

Inicialmente estabeleceu-se um contacto pessoal com o Diretor do Centro Social onde foram apresentados os principais objetivos da investigação e obtida autorização. Num segundo momento, foi-me apresentada a Coordenadora Pedagógica que estaria mais disponível e teria mais facilidade em articular as entrevistas tanto com os jovens como com os formadores. Foi agendado um dia para a realização de entrevistas dos jovens. Num total de 17 jovens possíveis foram entrevistados 10, pois foi apenas disponibilizado à entrevistadora um bloco de duas horas, em que os alunos estavam a ter uma aula prática e iam saindo consoante ordem do formador dirigindo-se a uma outra sala onde estava a entrevistadora. As entrevistas aos formadores/técnicos foram realizadas consoante a disponibilidade de cada um. A investigadora deslocou-se ao Centro para as realizar, num local com condições adequadas à sua realização. As entrevistas apesar de constar na proposta inicial, não foram gravadas em suporte áudio por rejeição inicial do Diretor do Centro Social, mas todas as informações foram registadas pela investigadora aquando da entrevista.

5. Apresentação dos resultados

Após o registo das entrevistas, surge a necessidade de tratar e analisar os dados obtidos, com vista a dar resposta à questão e objetivos estabelecidos inicialmente para esta investigação. Procedeu-se, então, ao tratamento de dados recorrendo à técnica de Análise de Conteúdo. Para Caregnato e Mutti (2006) a análise de conteúdo pode ser quantitativa e qualitativa: na abordagem quantitativa traça-se uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto; na abordagem qualitativa considera-se a presença ou ausência de uma determinada característica de conteúdo ou conjunto de características.

Bardin (2006) organiza a análise de conteúdo em três fases, a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados, e inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita recorrendo a quatro etapas: (a) leitura flutuante, que é quando é estabelecido contacto com os documentos de recolha de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise (Bardin, 2006).

A segunda fase, para Bardin (2006), consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registo e das unidades de contexto nos documentos. A exploração do material consiste numa etapa importante, porque vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao *corpus* (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (Bardin, 2006).

A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados, ocorre aqui a condensação e o destaque das informações para análise, finalizando nas interpretações inferenciais. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006). Tendo em vista as diferentes fases da análise de conteúdo propostas por Bardin (2006), destacam-se como o próprio autor o fez, as dimensões da codificação e categorização que possibilitam e facilitam as interpretações e as inferências. No que toca à codificação, “corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e

enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão” (Bardin, 2006, p. 103). Após a codificação, segue-se para a categorização, que consiste na:

classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos ... sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (Bardin, 2006, p. 117)

Bardin (2006) afirma que a organização da codificação compreende três escolhas, o recorte ou escolha das unidades, a enumeração ou escolha das regras de contagem e a classificação e agregação ou escolha de categorias. A unidade de registo para Bardin (2006) é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. Segundo Bardin (2006) as unidades de registo mais utilizadas são, a palavra, o tema, o objeto, o personagem, o acontecimento e o documento.

No que diz respeito à palavra, Bardin (2006) afirma que todas as palavras de um texto podem ser levadas em consideração ou então pode fazer-se uma retenção apenas das palavras-chave. Quanto ao tema Bardin (2006) diz-nos que é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado, no que diz respeito ao objeto Bardin (2006) diz-nos que se tratam de temas eixo em redor dos quais um discurso se organiza. Para Bardin (2006), o personagem, pode ser o ator ou atuante que é escolhido como unidade de registo, neste caso o codificador indica as personagens e no caso de uma análise categorial, as classes em função da grelha escolhida. Quanto ao acontecimento, Bardin (2006) no caso de relatos e de narrações é possível que a unidade de registo pertinente seja o acontecimento, neste caso serão recortados em unidades de ação. Quanto ao documento ou unidade do gênero Bardin (2006) afirma que serve de unidade de registo desde que possa ser caracterizado globalmente e no caso de análise rápida. Bardin (2006) acrescenta ainda que é possível tomar como unidade de registo a resposta a uma questão aberta ou a uma entrevista com a condição de que a ideia dominante seja suficiente para responder ao objetivo procurado.

A unidade de contexto segundo Bardin (2006) serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões são ótimas para que se possa compreender o significado exato da unidade de registo.

Bardin (2006) diz-nos que a partir do momento em que a análise de conteúdo escolhe codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. Para Bardin (2006) a categorização tem como principal objetivo fornecer a representação simplificada dos dados brutos. A categorização para Bardin (2006) pode empregar dois processos inversos, em primeiro lugar é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos à medida que vão sendo encontrados, ou em segundo lugar, o sistema de categorias não é fornecido, resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos.

No que diz respeito as categorias Bardin (2006) diz que geralmente as categorias terminais têm origem no reagrupamento progressivo de categorias com uma generalidade mais fraca, existindo assim boas e más categorias, um conjunto de categorias boas, deve deter as seguintes qualidades, a conclusão mutua, estando assim estipulado que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão, a homogeneidade, tendo cada categoria um único princípio de classificação, a pertinência, estando a categoria adaptada ao material de análise, a objetividade e fidelidade, sempre que sujeitas a diferentes análises devem ser codificadas da mesma forma e a produtividade, sendo que um conjunto de categorias é apenas produtivo quando fornece resultados ricos em índices de inferenciais e em hipóteses novas e dados exatos.

5.1. Análise de Conteúdo das entrevistas

Este ponto do estudo visa apresentar os dados obtidos através da análise de conteúdo das 10 entrevistas realizadas aos jovens em situação de vulnerabilidade social e das quatro entrevistas realizadas aos técnicos e formadores que com eles trabalham, Tabela 1 e Tabela 2 respetivamente.

As categorias de registo foram criadas consoante cada grupo de questões presente nos diferentes guiões de entrevistas e as subcategorias estão ligadas as questões propriamente ditas. Para cada categoria foram identificadas subcategorias consoante a análise das entrevistas. Após a análise mantiveram-se as categorias inicialmente definidas.

Foram identificadas inicialmente seis categorias principais, designadas de: “Perfil dos Jovens”, “Motivos da Frequência do Curso”, “Perspetivas de Futuro”, “Principais Apoios”, “Principais Oportunidades de Futuro” “Principais Dificuldades de Futuro”. As entrevistas

foram codificadas da seguinte forma E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 e E10 para os jovens e T1, T2, T3 e T4 para os técnicos/formadores.

Tabela1

Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas aos jovens

Categorias	Subcategorias	Frequência das Menções
Perfil dos Jovens	Oriundos do ensino regular	5
	Oriundos do ensino profissional	5
Motivos de Frequência do Curso	Facilidade de Ensino	4
	Área de Interesse	4
	Recomendação Familiar	4
	Recomendação de Amigos/ Colegas	4
	Opção Própria	2
Perspetivas de Futuro	Trabalhar na área de formação	4
	Trabalhar fora do país	2
	Trabalhar noutra área	5
Principais Apoios	Apoio Familiar	6
	Apoio dos Amigos	2
	Apoio Financeiro	2
	Ajuda na Orientação Profissional	2
Principais Oportunidades fornecidas pelo Centro X na preparação para o futuro	Oportunidades de Emprego	1
	Oportunidades de Formação Profissional	1
Principais Dificuldades Sentidas	Encontrar Trabalho	3
	Dificuldades Financeiras	3
	Adaptação ao mundo do trabalho	2
	Decidir o que vai fazer	2

Tabela2

Análise de Conteúdo das Entrevistas realizadas aos técnicos/formadores

Categorias	Subcategorias	Frequência das Menções
-------------------	----------------------	-------------------------------

Perfil dos Jovens	Baixo Sucesso Escolar	1
Motivos de Frequência do Curso	Facilidade de Ensino	1
	Área de Interesse	1
	Finalizar a Escolaridade Obrigatória	3
Principais Apoios	Apoio Financeiro	1
Principais Oportunidades fornecidas pelo Centro X na preparação para o futuro	Oportunidades de Formação Profissional	1
	Contacto com o mercado de trabalho	2
	Apoio ético/cidadania	2
Principais Dificuldades Sentidas	Encontrar Trabalho	2
	Taxa de Desemprego	2
	Falta de Motivação	1

Como se pode verificar na análise feita anteriormente nas tabelas o **Perfil dos jovens** sugere que são oriundos do ensino regular e do ensino profissional, havendo uma menção relativa ao baixo sucesso escolar dos jovens que frequentam este tipo de cursos, essa menção é feita por um dos técnicos que no decorrer do discurso refere que os jovens são “provenientes de agregados familiares variados mas com alguma frequência agregados familiares destrutturados e têm também baixo sucesso escolar”.

Na categoria **Motivos da frequência do curso** as opiniões são diversificadas, tendo a subcategoria *facilidade de ensino* e a subcategoria *área de interesse* cinco menções cada, seguido das subcategorias *recomendação de um familiar* e *recomendação de um colega* também ambas quatro menções, há ainda uma subcategoria *finalizar a escolaridade obrigatória* com três menções, sendo referido principalmente pelos formadores que um dos principais motivos para a frequência do curso é a conclusão da escolaridade obrigatória: “muitos dos alunos procuram uma via mais fácil para obter a escolaridade obrigatória” .

Na categoria que diz respeito às **Perspetivas de futuro**, a subcategoria com mais menções, sendo estas 5, é a subcategoria que fala em trabalho noutra área que não a área de formação que estão a receber, aqui realça-se a mesma situação em diversos casos, como não haver um curso específico para todos, o que aconteceu em diversos casos foi escolherem o curso que mais lhes agrada do leque oferecido e pretendem depois ingressar noutras áreas: “quero seguir para a GNR e esta é uma área que me pode ajudar”. Depois segue-se a subcategoria trabalhar na área de formação com 4 menções, o que nos indica também que muitos ingressaram

no curso pois têm perspectivas de futuro nesta área: “arranjar trabalho nesta área, trabalhar para constituir família”.

Na categoria **Principais Apoios**, a subcategoria com mais menções é a subcategoria do *apoio familiar* que teve 6 menções, seguida da subcategoria *apoio financeiro* com 3 menções e das subcategorias *apoio de amigos* e *ajuda na orientação profissional* com 2 menções cada. Nesta categoria é referido essencialmente pelos jovens que os principais apoios, na altura de escolher o curso que frequentam, são a família.

A categoria que diz respeito às **principais oportunidades** tem como subcategorias mais mencionadas, a subcategoria de *oportunidades de formação profissional, contacto com o mercado de trabalho* e *apoio ético/cidadania* ambas com duas menções. Nesta categoria fulcral para o nosso estudo conseguimos perceber que o centro oferece oportunidades de formação profissional muito específicas e consequente contacto direto com o mercado de trabalho, como nos é dito por um dos técnicos sobre as principais oportunidades oferecidas: “a realização da prática em contexto de trabalho em entidades empregadoras de referência”. É referido ainda por outro dos técnicos que “os cursos privilegiam a componente prática (prática simulada) bem como é desenvolvida em alternância a componente em sala e em contexto de trabalho”. Outro dos aspetos passa também pelo apoio ético e cidadania pois é realçado também numa das entrevistas que é “importante ministrar paralelamente os conteúdos programáticos e incutir valores de ética profissional e trato com os colegas e outros setores”.

No que diz respeito às **principais dificuldades** temos com sete menções a subcategoria *encontrar trabalho* e posteriormente com duas menções temos as subcategorias *adaptação ao mundo de trabalho*, *decidir o que vai fazer* e *taxa de desemprego*. Quando questionados os jovens sobre as principais dificuldades nesta fase de transição o encontrar trabalho é um dos principais receios “tenho medo de não arranjar trabalho”, “arranjar trabalho, acho que as oportunidades nesta área são poucas” e referem ainda, no que diz respeito à adaptação ao mercado de trabalho, “a preparação para o trabalho pois sinto que vai ser difícil a adaptação. Os técnicos fazem referência para além da dificuldade em arranjar trabalho à falta de motivação e à taxa de desemprego: “desmotivação, poucas perspectivas de futuro e falta de oportunidades de emprego”.

6. Discussão dos resultados

Os principais objetivos deste estudo passaram por tentar perceber quais são as principais oportunidades e dificuldades associadas à transição para a vida pós-escolar, vistas tanto pela perspectiva de jovens em situação de vulnerabilidade social como pela perspectiva de formadores/técnicos que com estes convivem diariamente no curso de formação profissional. Assim sendo, as entrevistas analisadas anteriormente apresentam todos aqueles aspetos que são mais “vulneráveis” segundo a perspectiva daqueles que estão inseridos diretamente neste processo de transição. Sendo estes, o encontrar trabalho, as dificuldades financeiras, a adaptação ao mundo do trabalho e decidir o que vai fazer no futuro como podemos analisar nas Tabelas 1 e 2.

Para Botelho (2016) as condições na transição para o mercado de trabalho no caso dos jovens revelam-se incertas e não lineares e são também marcadas pela precariedade e flexibilização do emprego e acabam assim por limitar os projetos de vida dos jovens. À semelhança do que encontramos através da análise de conteúdo das entrevistas é notório que os jovens sentem dificuldades díspares uns dos outros: alguns falam essencialmente da dificuldade de encontrar emprego enquanto outros referem que a principal dificuldade será a adaptação ao mundo de trabalho ou até mesmo decidir o que irão fazer no futuro.

Foi mencionado por alguns jovens aquando das entrevistas que a adaptação ao mundo/mercado de trabalho seria talvez uma das principais dificuldades que iriam sentir. Quanto a este aspeto, a inserção profissional é marcada por processos de precarização e insegurança laboral, ocorrendo de forma crescente, sob domínio de regimes informais ou semi-informais, sendo este dado transversal a quase todos os níveis, tanto social como a nível de qualificações, não obstante as suas especificidades (Guerreiro et. al, 2007, cit. por Botelho, 2016).

Outro dos aspetos também abordados foram as oportunidades de formação profissional que são possibilitadas pelo Centro Social. De acordo com Thomé, Telmo, e Koller (2010) o mercado de trabalho necessita de maiores investimentos em educação e em treino profissional na procura de profissionais qualificados. Neste aspeto podemos considerar que o centro social em questão oferece uma grande vantagem aos seus formandos pois os cursos são acompanhados de uma componente prática que ajuda a estar em contacto com o mercado de trabalho e a aplicar aquilo que aprendem na teoria.

Foi também referido durante algumas das entrevistas que o apoio a nível ético e da cidadania seria fulcral em alguns aspetos para a transição para o mercado de trabalho. Posto

isto, além das competências profissionais, importa também desenvolver competências pessoais e sociais, tais como a capacidade de comunicação, organização e gestão de tempo, trabalho em equipa e gestão de conflitos e de stress (Seco et al., 2009 cit. por. Botelho, 2016).

Em suma, e dando resposta aos objetivos específicos do trabalho, os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte caracterizam-se por ter idades compreendidas entre os 17 e 19 anos, têm concluído o 9º ano de escolaridade e são oriundos tanto do ensino regular como do ensino profissional. Referem ainda em alguns casos que frequentam os cursos por haver uma maior facilidade de ensino, por ser uma área de interesse ou para obtenção da escolaridade obrigatória.

Os tipos de formação mais procuradas pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam um Centro Social da região norte são, Técnico Auxiliar de Saúde, Cuidados de Beleza, Hotelaria e Restauração.

As perceções de técnicos e jovens sobre as oportunidades que se encontram disponíveis são positivas, são referidas as oportunidades de formação profissional, o contacto com o mercado de trabalho que fornece uma experiência prática e é referido ainda como aspeto positivo o apoio ético e de cidadania que prepara os jovens para o contacto com o mercado de trabalho e para o trabalho em equipa.

As principais dificuldades experienciadas por jovens em idade de transição para a vida pós-escolar são apontadas a dificuldades ligadas com a elevada taxa de desemprego e com a adaptação ao mundo do trabalho.

CONCLUSÃO

Com a elaboração do presente trabalho foi possível concluir que existem dificuldades disparees entre os jovens o que responde aos objetivos definidos inicialmente.

Conseguimos identificar o perfil dos jovens que frequentam as formações, eles têm entre 15 e 25 anos e são oriundos tanto de cursos de ensino profissional como de ensino regular e têm como habilitações literárias de base, obrigatoriamente, o 9º ano de escolaridade.

Na perceção dos jovens e dos técnicos do Centro Social as principais oportunidades passam por contacto direto com o mercado de trabalho, assim como as principais necessidades e perspetivas do mesmo. De realçar que oferecem também valores de ética profissional e convívio/trato com os colegas e outros setores assim como, o setor ambiental e o setor económico. Para além disso são dados pelo centro aos jovens que frequentam este tipo de cursos ajudas de custo e pagamento de subsídios.

No que diz respeito às principais dificuldades não estão diretamente ligadas ao Centro Social nem às formações oferecidas pelo mesmo, estas dificuldades passam pela falta de orientação profissional e falta de motivação, numa fase que antecede a ingressão no curso, dificuldades em encontrar trabalho, adaptação ao mercado de trabalho e a alta taxa de desemprego.

Para Almeida (2007, cit. por Botelho 20106) a generalização de políticas de formação profissional voltadas para o desenvolvimento de competências específicas e transversais e a adoção de formas de organização do trabalho mais enriquecedoras, poderá ser a forma adequada ao reforço da empregabilidade.

Botelho (2016) diz-nos que na conjuntura atual o mercado de trabalho caracteriza-se por um aumento do desemprego, sendo que vários estudos (Oliveira et al., 2011; Kocávs, 2013 cit. por Botelho 2016) indicam que os jovens são os principais atingidos do desemprego, dada a sua posição de maior fragilidade no mercado de trabalho. É-nos dito pelo mesmo autor que as taxas de desemprego jovem tendem a piorar com o agravamento da crise económica e financeira, limitando assim as condições de vida e as oportunidades socioprofissionais dos jovens.

As principais limitações do estudo foram a impossibilidade de gravar as entrevistas o que obrigou a uma recolha apenas escrita dos dados e apesar de todas as informações terem sido registadas teria tornado o processo mais ágil. Outra das principais limitações foi o tempo disponibilizado com os jovens que se tornou um pouco curto, para além disso estes eram pouco comunicativos.

Num estudo futuro seria importante conhecer também a perceção dos pais/mães e encarregados de educação destes jovens acerca das oportunidades ou dificuldades que são colocadas aos jovens, porque os pais/mães e encarregados de educação são outra das partes desta transição pois como referido bastantes vezes pelos jovens e registado na Tabela1 o apoio familiar é fulcral nesta fase.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, L., & Medeiros, C. (2009). Entrevistas na pesquisa social: o relato de um grupo de foco nas licenciaturas. IX Congresso Nacional de Educação. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Brasil. Pp10711-10718. Obtido de https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3041_1475.pdf
- Andrade, C. (2010). *Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas*. Análise Psicológica. Volume 2. 255-267. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v28n2/v28n2a02.pdf>
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Botelho, D. (2016). *A inserção dos jovens no mercado de trabalho: o caso dos jovens com o ensino secundário*. (Dissertação de Mestrado). Obtido de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/14267/1/Relat%C3%B3rio_Duarte_Inser%C3%A7%C3%A3odosjovensnomercadodetrabalho_ocasodosjovenscomoensinosecund%C3%A1rio.pdf
- Carmo, M., & Guizardi, F. (2018). *O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social*. Cadernos de Saúde Pública, 34: 1-14. Obtido de: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417.pdf>
- Caregnato, R., Mutti, R. (2006). *Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo*. Pp 679-684. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>
- Cecconello, A. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco* (Tese de Doutorado). Obtido de http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Cecconello_resiliencai.pdf
- Diário da República (2019). Lei 147/99. Obtido de <https://dre.pt/pesquisa/-/search/581619/details/normal?l=1>

Ferreira, S., & Pereira, M. (2015), *Transição para a vida adulta e autodeterminação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª edição. Artmed. Porto Alegre. Obtido de: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/flick%20-%20introducao%20a%20pesq%20quali.pdf

Gonçalves, S. (2011). *Desemprego Juvenil – O contributo dos Cursos Profissionais na reconstrução dos percursos socioprofissionais dos jovens*. (Dissertação de Mestrado). Obtido de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2806/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20-%20Silvia%20Gon%C3%A7alves.pdf>

Instituto do Emprego e Formação Profissional. (2019). Cursos de Aprendizagem. Obtido de: <https://www.iefp.pt/cursos-de-aprendizagem>

Lourenço, A. (2010). *O Invisível da Sociedade – Crianças e Jovens em Risco*. (Dissertação de Mestrado). Obtido de: <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/1146/mestrado%20p%C3%B3s%20de%20fesa.pdf?sequence=1>

Lourenço, M. (2011). *Perspetiva dos docentes acerca da Transição para a vida Pós-Escolar de alunos com Deficiência Mental* (Dissertação de Mestrado). Obtido de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8725/1/TESE%20%20Vers%C3%A3o%20ULTIMA.pdf>

Mota, C., & Rocha, M. (2012). *Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e Jogo das Relações*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28: 357-366. Obtido de <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a11v28n3.pdf>

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Nova Iorque: Mc Graw-Hill

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento Humano* (8.^a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Santos, M., Espirito Santo, A., Ramalho, J., Faria, M., Almeida, C., Fernandes J., Espirito Santo, J. (2019). Percursos de vida de jovens que foram abrangidos por currículos específicos. *Educar hoje: diálogos entre psicologia, educação e currículo*. Obtido de: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6985>

Thomé, L., Telmo, A., Koller, S. (2010). *Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho*. Paidéia, Volume 20, 175-185. Obtido de: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n46/04.pdf>

ANEXOS

Anexo A – Pedido de Autorização à instituição

Exmo. Senhor Diretor do Centro Social X

XXX

Sou Ana Teixeira, Licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viseu, e agora a frequentar o Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco (IPCJR), na mesma Instituição de Ensino Superior.

Encontro-me no segundo e último ano do Mestrado, estando a realizar o trabalho final no âmbito da temática “Transição para a vida pós-escolar de Jovens em situação de vulnerabilidade social” sob a orientação da Prof. Doutora Susana Fonseca e coorientação da Prof. Doutora Paula Xavier.

Neste seguimento, venho por este meio pedir autorização para a realização de entrevistas, junto dos utentes da Instituição que V. Exa. dirige, designadamente os que se encontram a frequentar cursos de formação e que tenham idades compreendidas entre os 18 e 21 anos, assim como junto dos respetivos formadores, se possível. Nessas entrevistas serão recolhidas informações sobre o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro X, quais os tipos de formação mais procuradas por eles e identificar as perceções sobre as oportunidades e principais dificuldades dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar.

Importa salientar que está garantido o anonimato e a confidencialidade na apresentação dos dados, tanto no que se refere às pessoas como à Instituição.

Agradeço a sua disponibilidade e peço deferimento,

Com os melhores cumprimentos,

Ana Teixeira

(Discente do Mestrado em IPCJR)

Anexo B- Guião de entrevista semiestruturada – técnicos/formadores

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – técnicos/formadores

Sou estudante do 2.º ano do Curso de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viseu. No contexto da minha dissertação de Mestrado com o tema “Transição para a Vida Pós-Escolar de Jovens em situação de vulnerabilidade social”, a presente entrevista visa recolher dados relacionados com as perceções de técnicos que trabalham diretamente com estes jovens sobre as oportunidades e as dificuldades que se encontram associadas a processo de transição.

Desta forma, a sua colaboração é fundamental de modo a poder conhecer as opiniões e perceções daqueles que se encontram envolvidos nesse processo.

As respostas são confidenciais e a participação não é obrigatória.

Se estiver de acordo, gostaria de gravar esta entrevista em áudio.

Obrigada pela sua colaboração!

Nome: _____ Idade: _____

Profissão: _____

Anos de experiência profissional como formador/a: _____

Local da entrevista: _____ Data: _____

Bloco Temático	Objetivos	Informações / Questões
I. Apresentação do Estudo e Entrevista	- Iniciar a entrevista. Obter o consentimento para a participação. Estabelecer relação.	
II. Caracterização do perfil dos Jovens	- Caracterizar o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro X	<ol style="list-style-type: none"> 1. Descreva, por favor, o grupo de Jovens com que trabalha em termos de: <ul style="list-style-type: none"> - Faixa Etária; - Contexto sociofamiliar de origem; - Sucesso Académico – anterior e atual, no Curso; - Envolvimento dos jovens na formação (positivo?, ausente?); - Perspetivas de futuro destes jovens. 2. Quais são as principais experiências destes jovens anteriores à sua entrada na formação? 3. Quais são os critérios de seleção dos jovens para este tipo de formações?
III. Caracterização da formação	- Identificar quais os tipos de formação mais procuradas pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro X	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são os cursos mais procurados pelos jovens que frequentam as formações deste Centro? Há algum motivo para isto acontecer? 2. Como são selecionados os cursos existentes por parte do Centro?
IV. Perceções sobre as oportunidades	- Identificar as perceções dos técnicos sobre as oportunidades que se encontram disponíveis para os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar;	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as principais oportunidades que o Centro fornece aos jovens que frequentam estas formações? 2. E para além dessas, quais os aspetos que considera fundamental serem assegurados nesta fase de transição para a vida pós-escolar no sentido destes jovens se prepararem para o futuro? Estão disponíveis para estes jovens em concreto?

		3. Na sua perspectiva, estas formações, em concreto, preparam os jovens para eventuais oportunidades de futuro no mercado de trabalho? (pedir para desenvolver)
V. Perceções sobre as Dificuldades	- Identificar as perceções dos técnicos sobre as principais dificuldades experienciadas por jovens em idade de transição para a vida pós-escolar;	1. Quais acha que são as principais dificuldades, tanto do contexto como eventualmente mais associadas aos próprios jovens, nesta etapa de transição para a vida ativa?
VI. Encerramento da Entrevista	- Encerrar a entrevista. Agradecer a participação.	1. Há algum aspeto que não tenha sido questionado e sobre o qual gostaria de falar? Agradeço, mais uma vez, a sua colaboração!

Anexo C - Guião de entrevista semiestruturada - jovens

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - jovens

Sou estudante do 2.º ano do Curso de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viseu. No contexto da minha dissertação de Mestrado com o tema “Transição para a Vida Pós-Escolar de Jovens em situação de vulnerabilidade social”, a presente entrevista visa recolher dados relacionados com as perceções de jovens sobre as oportunidades e dificuldades que são experimentadas na preparação para a vida adulta.

Desta forma, a tua colaboração é fundamental de modo a poder conhecer as opiniões e perceções daqueles que se encontram envolvidos nesse processo.

As respostas são confidenciais, ou seja, para além de mim mais ninguém saberá o que disseste. Além disso, a tua participação não é obrigatória. Se estiveres de acordo, gostaria de gravar esta entrevista em áudio.

Obrigada pela tua colaboração!

Nome: _____ Idade: _____ Habilitações académicas: _____
Curso que frequenta: _____ Local da entrevista: _____
Data da entrevista: _____

Bloco Temático	Objetivos	Informações / Questões
I. Apresentação do Estudo e Entrevista	- Iniciar a entrevista. Obter o consentimento para a participação. Estabelecer relação.	
II. Caracterização do perfil dos Jovens	- Caracterizar o perfil dos jovens em fase de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro X	<p>4. Qual o curso que frequentas? Há quanto tempo?</p> <p>5. O que fazias antes de frequentar o curso?</p> <p>6. O que é que gostavas de fazer depois de acabares o curso? / Como imaginas a tua vida adulta?</p>
III. Caracterização da formação	- Identificar quais os tipos de formação que são mais procurados pelos jovens em situação de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro X	<p>3. Como escolheste o curso em que estás? Quem te indicou ou ajudou nessa escolha?</p> <p>4. Gostas do curso que estás a frequentar? Porquê? (explorar: é uma área de interesse? Gosta/não gosta das condições da formação?)</p>
IV. Perceções sobre oportunidades	- Identificar as perceções dos jovens sobre as oportunidades que se encontram disponíveis na fase de transição para a vida pós-escolar;	<p>4. Na tua opinião, quais as ajudas e apoios que as pessoas da tua idade devem ter para se prepararem para o futuro / para a vida adulta?</p> <p>5. E tu, podes/pudeste contar com alguma das coisas que acabaste de referir?</p> <p>6. Achas que o curso que estás a frequentar pode ser importante para o teu futuro? (Se sim, de que maneira?)</p>

V. Perceções sobre dificuldades	- Identificar as perceções dos jovens sobre as principais dificuldades experienciadas na fase de transição para a vida pós-escolar;	<p>2. Quais são as principais dificuldades que sentes nesta altura da tua vida em que estás a preparar o teu futuro?</p> <p>3. Que dificuldades achas que vais ter quando terminares o curso e quiseres começar a trabalhar?</p>
VI. Encerramento da Entrevista	- Encerrar a entrevista. Agradecer a participação.	<p>1. Há alguma coisa que não te tenha perguntado e que queiras acrescentar a este propósito?</p> <p>Muito obrigada pela tua colaboração!</p>

Anexo D – Consentimento Informado à participação

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM RECOLHA DE DADOS

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Título do estudo: Transição para a vida pós-escolar de Jovens em situação de vulnerabilidade social

Enquadramento: Sou a aluna Ana Teixeira, licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação de Viseu, agora a frequentar Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco na mesma escola, sob a orientação da Prof. Doutora Susana Fonseca e coorientação da Prof. Doutora Paula Xavier. Os principais objetivos do estudo são caracterizar o perfil dos jovens em idade de transição para a vida pós-escolar que frequentam o Centro Social X, identificar quais os tipos de formação mais procuradas pelos mesmos jovens, identificar perceções sobre as oportunidades que se encontram disponíveis para os jovens em idade de transição para a vida pós-escolar e sobre as principais dificuldades

Explicação do estudo: O estudo consiste na realização de entrevistas aos jovens e aos técnicos da formação.

Confidencialidade e anonimato: Está garantido o anonimato e a confidencialidade na apresentação dos dados.

Desde já agradeço a sua participação.

Ana Teixeira (esev11061@esev.ipv.pt)

.....

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

RUBRICA:

Data: /..... /.....

SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE
(se o menor tiver discernimento deve também assinar em cima, se consentir)

GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO:

RUBRICA

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE ... PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE**